

**METODOLOGIA DE ESTUDOS DO CONTATO LINGUÍSTICO NO NORTE  
DE MATO GROSSO**

**METHODOLOGY FOR LINGUISTIC CONTACT STUDIES IN THE  
NORTHERN OF MATO GROSSO**

Maria José Basso Marques<sup>1</sup>

Universidade Federal de Mato Grosso

Manoel Mourivado Santiago-Almeida<sup>2</sup>

Universidade de São Paulo

**Resumo:** Este artigo objetiva apresentar a metodologia utilizada para a pesquisa de doutoramento intitulada *Microatlas linguístico contatual das variedades do português falado no Norte de Mato Grosso*. A proposta traz apontamentos teóricos e metodológicos da Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional (THUN, 1996, 2005, 2009; ALTENHOFEN, 2013). Apresenta também os critérios adotados para a Tese, desde a escolha das localidades, o perfil dos informantes e a elaboração do instrumento de coleta de dados (questionário). O estudo trata de uma investigação sobre o contato linguístico em cinco (5) municípios na região norte mato-grossense (Colíder, Itaúba, Nova Canaã do Norte, Nova Santa Helena e Terra Nova), sendo oito (8) informantes por localidade, totalizando quarenta (40) entrevistados. Historicamente, essas cidades surgiram a partir da década de 1970 e receberam muitos migrantes, proporcionando um panorama linguístico diversificado. Portanto, os aspectos culturais e linguísticos que resultaram desse fluxo migratório não podem ser ignorados pelos estudiosos da língua. Pretende-se, assim, oferecer informações quanto à organização e ao domínio das atividades em estudo, as quais serão úteis a outros pesquisadores.

**Palavras-chave:** Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional; Contato Linguístico; Norte de Mato Grosso; Metodologia.

**Abstract:** This article aims to present the used methodology for the doctorate degree research entitled *Contact linguistic microatlas of the Portuguese spoken varieties in the Northern of Mato Grosso*. The proposal brings some theoretical and methodological principles of Relational and Multidimensional Dialectology (THUN, 1996, 2005, 2009; ALTENHOFEN, 2013). It also presents the adopted criteria for the Thesis since the locations choice, the informants' profile and the elaboration of the data collection instrument (questionnaire). The study deals with an investigation about linguistic contact in 5 municipalities in the northern region of Mato Grosso (Colíder, Itaúba, Nova Canaã do Norte, Nova Santa Helena and Terra Nova), eight (8) informants per location, totaling forty (40) interviewees. Historically, these cities emerged from the 1970s and received many migrants providing a diverse linguistic landscape. Therefore, the cultural and linguistic aspects that resulted from this migratory flow cannot be ignored by the language scholars. It is intended, therefore, to provide information regarding to the organization and to the domain of the activities under study, which will be useful to the others, researchers.

---

<sup>1</sup>Doutoranda em Estudos de Linguagem na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Docente da Secretaria Estadual de Educação de Mato Grosso. Email: marialider@gmail.com.

<sup>2</sup>Professor titular e pesquisador da Universidade de São Paulo. Atua nos seguintes temas: Linguística Histórica, Crítica Textual e Filologia, Dialetoлогия e História da Língua Portuguesa. Email: msantiago@usp.br.

**Keywords:** Relational and Multidimensional Dialectology; Linguistic contact; Northern of Mato Grosso; Methodology.

**Submetido em 3 de julho de 2020.**

**Aprovado em 17 de setembro de 2020.**

## **Introdução**

A linguagem humana representa mais que o conjunto de signos utilizados para a comunicação, ela expressa aspectos do pensar do falante que a emprega e, por isso, a necessidade de o homem se comunicar, externar pensamentos e eternizar sua existência por meio da transmissão de seus hábitos e tradições, motivam o uso da língua de formas distintas. Tal uso, retrata aspectos da identidade de um grupo, pois ao expressar-se exhibe o repertório empregado pela sociedade para nomear seu ambiente físico e social que são visíveis através da variação linguística. (COSTA; ISQUERDO, 2013).

Essa variação é reforçada por um segundo fator, as migrações que fazem parte do cotidiano das pessoas e sociedades, principalmente, nesta contemporaneidade em que predomina a mobilidade de um lugar para o outro, no espaço, que são chamadas de “migrações topodinâmicas” (THUN, 1996, p. 210). Esse migrar, por sua vez, traz como consequência variedades e variantes das línguas dos seus falantes, homens e mulheres de diferentes classes sociais, origens étnicas e idades que constituem o contato linguístico e o plurilinguismo, ou seja, contatos *intervarietais* e *plurivarietais*<sup>3</sup>.

A partir do exposto, fica claro que os contatos linguísticos fazem parte da vida diária de todas as comunidades, tanto no nível microlinguístico (na interação *face-to-face*), quanto na perspectiva macrolinguística, considerando tanto a mobilidade espacial do indivíduo (no espaço geográfico), quanto à participação nos espaços midiáticos diversos. (ALTENHOFEN, 2013).

Explica Aguilera e Busse (2008) que os estudos sobre as línguas em contato têm suscitado interesse por parte de pesquisadores da área de linguagem por constituírem material potencial para a descrição e a compreensão das várias instâncias que atuam nos

---

<sup>3</sup> “[...] contatos intervarietais, como no caso de gaúchos e nortistas, como também indivíduos plurilíngues na própria língua, ou melhor, plurivarietais, [...] que dominam mais de uma variedade (estilística, p. ex. variedade fala e escrita, variedade standard e substandard, etc.), além de indivíduos plurilíngues entre línguas distintas (p.ex. português e alemão). (ALTENHOFEN, 2013, p. 36).

processos de interação, quais sejam linguísticas, sociais, históricas, psicológicas, entre outras. Fato, de certa forma, ignorado pela Dialectologia tradicional.

Além disso, enfatizam as autoras, que a manutenção, a transformação e/ou a mortandade das línguas ou dialetos estão relacionadas à necessidade de um aprofundamento das investigações sobre as situações de contato. Portanto, pesquisadores da língua devem considerar que o contato não se trata apenas da língua, mas de culturas coexistindo.

Nesse sentido, busca-se, aqui, apresentar a metodologia utilizada para a pesquisa de doutoramento intitulada *Microatlas linguístico contatual das variedades do português falado no Norte de Mato Grosso*<sup>4</sup>. Constitui o objetivo a seguir expor, em linhas gerais, alguns registros teóricos e critérios adotados para a Tese, desde a escolha das localidades, o perfil dos informantes e a elaboração do instrumento de coleta de dados (questionário). Tratam de reflexões e apontamentos teóricos e metodológicos, os quais poderão contribuir para pesquisadores que pretendem estudar a língua em contato.

## **1. Conhecendo a proposta e o espaço linguístico da pesquisa**

A política de colonização é uma estratégia governamental, utilizada em diversos momentos da formação histórica, para promover a ocupação de novas áreas e associada a ela está a política de migração dirigida para suprir de mão de obra nos empreendimentos agropecuários implantados nas novas áreas. (MORENO, 2005).

Assim aconteceu, por exemplo, no Sul do país<sup>5</sup>, em que a ocupação das terras no Norte do Paraná se iniciou como resultado da expansão do café motivando o interesse dos produtores mineiros e paulistas. “Essa expansão foi despertada pela aproximação dos trilhos da Sorocabana, beneficiando mais a população paulista circunvizinha do que o restante da população paranaense concentrada na região sul do Estado”. (SOUZA, 2006, p. 61).

Logo depois, a partir da década de 1920, um novo e amplo movimento, vindo do Sul, entra no território do Paraná: os gaúchos, descendentes de imigrantes europeus,

---

<sup>4</sup>Esta pesquisa de doutoramento está vinculada ao Instituto de Linguagem do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), no período de 2020 a 2024 e é orientada pelo professor Dr. Manuel Mourivaldo Santiago-Almeida da Universidade de São Paulo (USP).

<sup>5</sup>Esse registro histórico é necessário para compreender como ocorreram os fluxos migratórios da região Sul para o Norte de Mato Grosso. (SOUZA, 2006).

partiram em busca de novas terras devido ao desmembramento de suas propriedades em heranças sucessivas. Porém, estes novos colonos mantêm-se isolados do Leste e do litoral, por causa da precariedade dos meios de transporte e assim completa-se a ocupação do Norte Velho. No início de 1950, uma outra onda vinda do Rio Grande do Sul surge na mesma região e forma uma espécie de cadeia de povoamento que irá ao encontro do fluxo vindo do norte paranaense, pois nesse período havia concessões, gratuitas ou vendidas a preços irrisórios e se estendiam de Norte a Sul do Paraná. (SOUZA, 2006).

Diante disso, conforme o autor, a produção de café no Estado do Paraná se expandiu para outras áreas, chegando ao ponto de todo o Norte estar dominado por cafezais, até meados da década de 60, quando por efeito da queda dos preços do café, em face da superprodução e da ação governamental com programas de diversificação agropecuária e industrial, trouxe para a região sérias consequências, como a erradicação de cafezais e a racionalização da produção das superfícies agrícolas, gerando a redução das culturas alimentares (milho, feijão, etc.) que provocaram o desemprego, o êxodo rural, o surgimento de favelas e o empobrecimento das pequenas propriedades.

Esse cenário foi o responsável pela formação dos fluxos migratórios, os quais partiram rumo a uma nova colonização de Rondônia e do Norte de Mato Grosso, mais especificamente às margens da BR-163, onde afluiu um grande contingente de migrantes vindos, a partir da década de 1970, dos Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Esses migrantes que passaram a ocupar esta região, eram, na origem, pequenos proprietários rurais, posseiros, sitiantes que vendiam suas terras no Sul para se tornarem, em Mato Grosso, dependendo do valor da terra, pequenos ou médios proprietários. (SOUZA, 2006, 74).

Essa contextualização histórica é importante para se compreender o processo de mobilidade no Brasil, e, de modo particular, da Marcha para o Oeste a qual tinha por objetivo ocupar os espaços vazios de regiões do Centro-Oeste. Nesse sentido, a região norte de Mato Grosso passa a ser interessante pelo histórico de colonização recente e pelo laboratório linguístico aqui instaurado. Por receber pessoas de diferentes lugares, contatos não só entre variedades regionais do português são possíveis, mas entre outras línguas ou dialetos trazidos por imigrantes alemães, portugueses, espanhóis e italianos ao Brasil.

A configuração desse contato depende de vários fatores como: o migrante perceber que na nova localidade haverá aceitação ou rejeição dos sujeitos residentes

naquele espaço, e, se houver boa aceitação enxergar uma melhora significativa de vida. Figueiredo (2014) aponta que,

Contextos como no Norte de Mato Grosso, marcados pela heterogeneidade sociocultural e diversidade linguística, promovem o contato de variedades, que, a princípio, são manifestações individuais, mas com o tempo passam a ser avaliadas, absorvidas ou rejeitadas pela comunidade de fala de uma localidade. (FIGUEIREDO, 2014, p. 71).

Busse (2009) endossa o apontamento de Figueiredo, quando afirma que estudar o espaço geográfico como contexto da variação, como faz a Geolinguística, demonstra que as variantes seguem rotas traçadas pelo trajeto do homem por diferentes territórios e, se instaladas ou em trânsito, tomam formas particulares em função das condições em que ocorrem.

Portanto, observar a língua falada e descrevê-la exige do pesquisador a adoção de um posicionamento teórico-metodológico que determinará se o pesquisador objetiva a documentação de variedades linguísticas na perspectiva areal ou se pretende averiguar se as manifestações linguísticas refletem a relação das informações extralinguísticas que são inerentes aos informantes, como idade, sexo, escolaridade entre outros, no espaço em que estão inseridos. (FIGUEIREDO, 2013).

Com vistas a entender o contato linguístico aqui instaurado devido a essa mobilidade espacial que traz como consequência variedades e variantes das línguas dos seus falantes, homens e mulheres de diferentes classes sociais, origens étnicas e idades que concebem o plurilinguismo<sup>6</sup>, constituiu objetivo central desse estudo: descrever os aspectos semântico-lexicais e fonético-fonológicos das variedades linguísticas do português falado em situação de contato no Norte de Mato Grosso, em cinco municípios (Colíder, Itaúba, Nova Canaã do Norte, Nova Santa Helena e Terra Nova), sob forma de um Microatlas linguístico contatual.

Sendo assim, as próximas seções tratarão de alguns apontamentos, critérios e reflexões adotados na Tese *Microatlas linguístico contatual das variedades do português falado no Norte de Mato Grosso*.

---

<sup>6</sup>Plurilinguismo, em sentido amplo, como a habilidade [de um indivíduo] de se constituir plural, linguística e culturalmente, através da influência e do contato com a diversidade linguística/multilinguismo presente na sociedade. (ALTENHOFEN, 2013, p. 35).

## 2. A contribuição de pesquisas da “matriz de partida” para o local do estudo

O quadro da pesquisa de variação e do plurilinguismo na área do Sul do Brasil, que pode ser chamado de “matriz de partida” de migrantes para áreas novas do Centro-Oeste brasileiro, deve ser considerado para responder as questões centrais sobre a mudança das línguas e variedades dos migrantes e descendentes, nessas áreas novas, considerando: a) o tempo transcorrido, b) o contato com outras variedades do português e línguas (dimensão diacontatual) e dialingual (fala de bilíngues e monolíngues) e c) as territorialidades de cada língua no novo meio, isso equivale, por exemplo, ao contato entre teuto-gaúchos e ítalo-gaúchos, de um lado, e nortistas, paulistas e paranaense de outro para as áreas do norte mato-grossense. (ALTENHOFEN, 2013).

O artigo intitulado *Migrações e contatos linguísticos na perspectiva geolingüística pluridimensional e contatual* (ALTENHOFEN, 2013), apresenta a mudança da variedade da matriz de origem (Sul do Brasil) para área nova (Norte mato-grossense), por exemplo: substituição do pronome *tu* por *você* na fala de migrantes gaúchos; a ocorrência de /r/ retroflexo na fala de teuto-gaúchos. Isso, segundo o linguista, sinalizam tendências importantes nessas áreas.

E acrescenta, é preciso comparar essas transferências de marcas distintivas nas duas direções, não apenas das variedades não-gaúchas para as gaúchas, mas também no sentido inverso. Essa interinfluência pode ocorrer, em grau maior ou menor, nas duas direções. No caso desse estudo essa interinfluência pode ocorrer na direção das variedades do *português gaúcho* com as variedades do *português caipira* ou vice-versa.

Para o estudo do falar gaúcho, tomou-se como base o resultado das áreas linguísticas do português apontados pelos dados do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS), os sulistas que migraram para o norte de Mato Grosso, na maioria, proveem de localidades pertencentes ao “corredor Oeste de projeção rio-grandense, sobretudo da subárea bilíngue sob influência de línguas de imigrantes europeus, por um corredor lateral, através do oeste de Santa Catarina até o Sudoeste do Paraná”. Altenhofen (*apud* FIGUEIREDO, 2014, p. 104). Portanto, o que determinou a ideia de variedades do português gaúcho foram as marcas linguísticas inventariadas em estudos que se valem do registro do português usado no Sul do Brasil tanto em contato com a variedade do mesmo sistema como entre línguas diferentes.

Quanto ao dialeto caipira considerou-se os registros do grande estudioso da fala caipira, Amadeu Amaral (1920), que escreveu a notável obra: *O Dialeto Caipira*, além

da pesquisa de Rodrigues (1974) *O dialeto caipira na região de Piracicaba*, estudos de Castilho (1999-2000), *Para a história do português de São Paulo*, entre outros. A título de exemplificação, condensou-se, da obra de Amaral (1920), alguns fatos característicos do falar caipira como as questões fonéticas: (a) vogais quando seguidas de ciciante (*s* ou *z*) no final de vocábulos, se ditongam pela geração de um *i*: *rapáiz, méis, nós*; (b) *e* inicial aparece em *i* nasal como em *inzame* < *exame*, *inguá* < *igual*; (c) o rinter e pós vocálico (*arara, carta*) é linguo-dental e guturalizado. Segundo Amaral (1920, p. 21) “Para o ouvido, este *r* caipira assemelha-se bastante ao *r* inglês post-vocálico”. Vale destacar que, a pronúncia desse *r*, também conhecido por *r*retroflexo do dialeto caipira, se encontra em outras regiões do Brasil como Sul de Minas Gerais e Goiás. (MONARETTO, 2014).

Ao fazermos uma reflexão sobre o estudo de Altenhofen (2013) e pensando como se deu a colonização no Norte de Mato Grosso, migrantes oriundos do Sul e do Sudeste do país, algumas indagações surgiram quanto ao entrelaçamento do contato linguístico: Em que medida esse contato incide na formação do falar no Norte de Mato Grosso? O contato com outras variedades fez com que os migrantes abandonassem algumas variantes típicas de sua região? Como a identidade linguística de um grupo, que compartilha um espaço caracterizado pela ocupação recente, é delineado? A fala dos mais velhos é mais conservadora à sua matriz de origem do que as usadas pelos mais novos?

Essas são as perguntas fundamentais as quais pretende responder o projetado *Microatlas linguístico contatual das variedades do português falado no norte de Mato Grosso*. Para esse fim, o método da pesquisa a ser escolhido, o perfil do informante e o instrumento da coleta devem dar conta de responder a essas questões, os quais serão expostos a seguir.

### **3. A escolha metodológica**

Na perspectiva dos estudos linguísticos, disciplinas surgiram para se dedicar a variação linguística, como a Dialetoлогия e a Sociolinguística. “A primeira, parte fundamentalmente da noção de espaço, enquanto a outra, dos fatores de ordem sociocultural que determinam as variações linguísticas” (FIGUEIREDO, 2013, p. 189). Assim, explicam Faraco (2005) e Cardoso (2010), que a Dialetoлогия aborda o estudo da língua em sua diversidade conforme sua distribuição espacial, sociocultural e

cronológica. No entanto, e já mencionado pelos autores, ter apenas a representação geográfica da variação linguística ou só os parâmetros sociais em poucos espaços não proporcionam uma interpretação caleidoscópica da diversidade.

Thun (2009) postula que,

A verdade é que a Geografia Linguística e a Sociolinguística compartilham da mesma origem. Uma e outra provém da Dialetoлогия entendida antigamente como ciência da variação em geral. Deve-se aceitar a crítica da Sociolinguística, mas é necessário assinalar também seu ponto fraco. Se a Dialetoлогия monodimensional, e com ela a Geolinguística tradicional, podem-se considerar como má sociolinguística porque reduzem a variação vinculada a estratificação social, à variação que se dá num estrato só, a sociolinguística é também uma má dialetoлогия porque reduz a variação diatópica à variação de um só ponto. (THUN, 2009, p. 536)

Nesse sentido, embora Thun (2009) reconheça o rigor metodológico que Gilliéron (1902) empreendeu na construção do *Atlas Linguistique de la France* (ALF), explica que, diante de sua utilização como “foto instantânea sem retoques”<sup>7</sup> (THUN, 2009, p. 534), não podia permitir ao informante mais do que uma resposta e não se admitia em absoluto a mobilização de sua competência metalinguística em forma de comentários. Além disso, o registro da fala apenas de um homem mais velho e rurícola, como no *Atlas Linguistique de la France* (ALF), leva a uma limitação extrema a poucos tipos de variação, apenas diatópica.

Alerta o autor que não registrar a fala do informante em estilos distintos suprime os efeitos do contato de variedades que o falante poderia levar para fora da memória, e oculta, sobretudo, a existência de variedades regionais da língua comum, levando a um grave prejuízo para a representatividade dos dados.

Concomitante, tem-se a Sociolinguística que critica a Dialetoлогия quanto à sua concentração no mundo rural, que está em fase de desaparecimento, bem como a exclusão, quanto ao perfil do informante para o inquérito, das mulheres, dos jovens, das camadas sociais entre outros. Porém, a Sociolinguística, “ainda que estabeleça a intercomparação entre dados diferenciados do ponto de vista espacial, centra-se na correlação entre os fatos linguísticos e os fatores sociais, priorizando as relações sociolinguísticas”. (CARDOSO, 2010, p.26).

---

<sup>7</sup>“A proibição dos “*retouche*” perpassa todas as etapas do trabalho. Gilliéron define, assim, que o informante não deve repetir sua primeira resposta a fim de corrigi-la. A proibição vale, sobretudo, para o entrevistador. Esse não deve, através da sugestão, induzir retoques”. (THUN, 2017, p.68).



Nessa luta entre disciplinas que registram a variação linguística chega-se ao resultado de que ter apenas a representação geográfica da variação linguística ou só os parâmetros sociais em poucos espaços não proporcionam uma interpretação progressiva da diversidade. Por consequência, surgiu a preocupação, pelos estudiosos da língua, com o estabelecimento de uma metodologia que viesse a dar conta, de forma satisfatória, dos estudos no campo da variação espacial e, mais adiante, com a inclusão de variáveis sociais.

Essa inquietação dos linguistas conduziu a Dialetoлогия, inicialmente monodimensional, por caminhos pluridimensionais. (ARAGÃO, 2014). Dessa maneira, era não só inevitável como necessária a junção da dimensão diatópica aos fatores sociais diante da realidade linguística que se pretendia descrever.

O aprimoramento de ambas, Dialetoлогия e Sociolinguística, fez surgir, no final do século XX, o modelo da Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional, que busca suprir as lacunas existentes nas duas abordagens, ao analisar variáveis extralinguísticas em diversos pontos/localidade de pesquisa. Esse modelo apresenta uma estrutura tridimensional gerada a partir da combinação entre a superfície (Dialetoлогия monodimensional) e o eixo vertical (Sociolinguística), que permite realizar análises de todos os tipos.

O método proposto também é pluridimensional por incluir as dimensões: diatópica/topostático, informantes em um domicílio fixo, e, diatópica/cinética, topodinâmico, ou seja, informantes com mobilidade espacial. Diageracional, diz respeito a faixa etária dos informantes, por exemplo, geração mais velha e uma mais nova<sup>8</sup>. Diasssexual concerne ao sexo/gênero. Já a diastrática pode abranger diferentes fatores sociais (profissão, renda, religião e o grau de escolaridade). A dimensão dialingual é aplicada para “comparar/levantar as variedades dos diferentes grupos em contato” (ALTENHOFEN, 2013, p.42). E a diafásica refere-se aos dados coletados em diferentes estilos<sup>9</sup>.

Quanto à diarreligiosa, refere-se às marcas linguísticas que se apresentam na fala dos informantes nas práticas religiosas. Por último, a diarreferencial diz respeito aos comentários metalinguísticos e epilinguísticos dos informantes durante a entrevista.

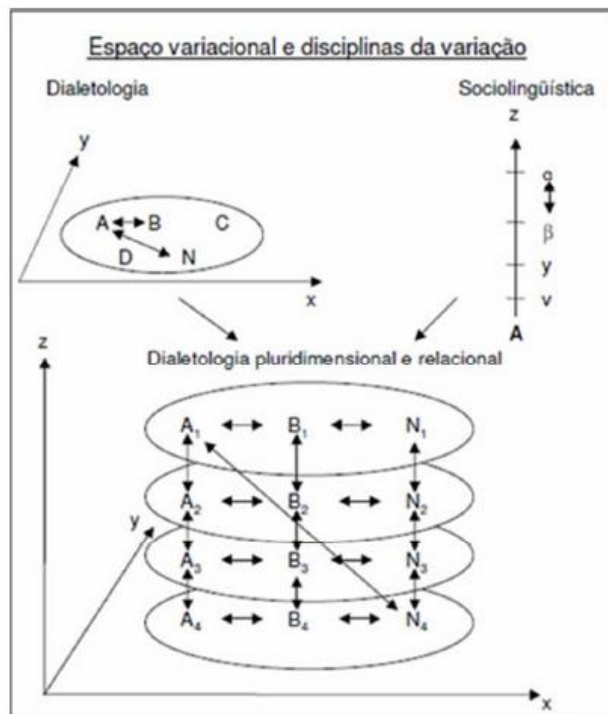
---

<sup>8</sup>Uma geração mais velha, representadas pelos símbolos (GII) opositiva a uma geração mais nova (GI)

<sup>9</sup>L= leitura, R = respostas (ao questionário), C = conversa livre. ” (THUN, 2005, p.72).

Esses aspectos podem ser verificados no esquema elaborado por Thun (2005), abaixo representado.

**Figura 1-** Estrutura variacional e disciplinas da variação



**Fonte:** Thun (2005, p. 67)

Tal esquema é assim explicado por Borella (2014):

Vê-se à esquerda, o esquema da dialetologia monodimensional, no qual apenas a fala de um determinado tipo de sujeito é estudada em diversos pontos da pesquisa (A, B, C...N). À direita, tem-se o modelo da sociolinguística, no qual variáveis ( $\alpha$ ,  $\beta$ ...) são analisadas em um único local de coleta. (BORELLA, 2014, p. 41).

Com tal modelo pluridimensional e relacional, é possível realizar análises de todos os tipos, as que unem os pontos da mesma superfície, as que ligam grupos de um mesmo eixo como também diagonalmente. Ainda, informa a autora que esse modelo tem em seu título a expressão relacional por apresentar as relações existentes entre o contato de línguas ou variedades linguísticas, primeiramente na pesquisa, e, posteriormente, na apresentação cartográfica dos dados.

Com o advento da Geolinguística Pluridimensional e Relacional, a proposição de um estudo acerca do português falado em situação de contato em cinco municípios no

Norte de Mato Grosso (Colíder, Itaúba, Nova Canaã do Norte, Nova Santa Helena e Itaúba) se justifica, uma vez que no Brasil ainda há poucos estudos<sup>10</sup>, nessa região, que contemplem áreas de ocupação recente e contatos linguísticos entre variedades de uma mesma língua, ou seja, intervarietais. Assim sendo, na próxima seção será apresentada como se deu a escolha dos pontos linguísticos.

### **A seleção dos pontos de sondagem**

Com a instalação do governo militar, em 1964, políticas públicas e rodovias surgiram para o processo de integração de todo o território brasileiro, bem como o povoamento das terras que se situavam em Mato Grosso e Amazônia consideradas, conforme Siqueira (2002, p.235), “espaços inabitados, sendo necessário abrir a fronteira, atraindo para esse território elementos que, fugindo dos problemas enfrentados nas regiões de origem, migrassem em direção ao espaço aberto à moderna colonização”.

Em 1970, iniciou-se a construção da BR-163, que foi realizada por meio do 9º Batalhão de Engenharia de Construção do Exército (9º BEC), sob o comando do Coronel José Meireles, o qual tinha por responsabilidade construir o trecho Sul, de Cuiabá à Serra do Cachimbo.

Com a pavimentação da rodovia, começou o processo de colonização ao longo da BR-163, assim, muitos projetos foram implantados e essa ocupação ocorreu de três formas: a colonização espontânea, a colonização oficial e, por último, a particular promovida por empresas privadas, que eram “capazes de atrair o médio e o grande capital e promover a disseminação e propaganda do projeto colonizador” (SIQUEIRA, 2002, p. 236).

As colonizadoras particulares interessadas pelo norte mato-grossense eram originárias do Sul e do Sudeste do país e as propagandas realizadas por essas, sobre as terras férteis e vantagens na aquisição de terras baratas, atraiu um grande contingente de migrantes.

Esse cenário foi essencial para a escolha das localidades a serem investigadas na Tese: Colíder, Nova Canaã do Norte, Itaúba, Nova Santa Helena, Terra Nova do

---

<sup>10</sup> Já se encontram publicadas pesquisas com base no modelo teórico da Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional no Norte de Mato Grosso: a Dissertação de Mestrado de Barros (2014) e as Teses de Cuba (2015), Figueiredo (2014) e Philippsen (2013).

Norte<sup>11</sup>.Primeiro, porque todas surgiram a partir da década de 1970, por meio da colonização particular, portanto as localidades têm mais de 40 anos. Segundo, o povoamento é marcado pela migração vinda, especialmente, do Sul e do Sudeste brasileiro (ponto de partida). Terceiro, o grau de isolamento das grandes urbanizações, como por exemplo, a capital matogrossense Cuiabá, pois todas estão a, pelo menos, 600 km da capital, entre outras.

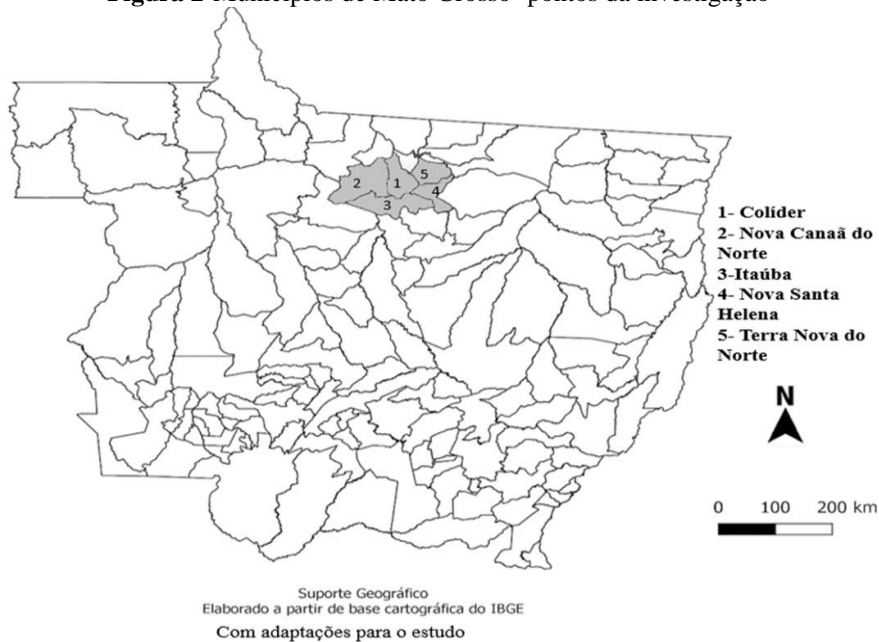
Esses aspectos corroboram com os apontamentos feitos por Altenhofen (2004), quando menciona a importância de fatores a serem considerados para a produção de atlas linguísticos-contatual, ou seja, deve-se observar a localidade, o grau de isolamento e de urbanização, os grupos étnicos em contatos, a idade da localidade (contato recente ou antigo), procedência das famílias que povoaram a localidade e as ocupações econômicas.

No artigo de Figueiredo (2013, p. 193) que trata da *Metodologia de Estudos do Contato Linguístico Intervarietal em Lugares de Migração Recente: alguns apontamentos*, as abordagens tratadas pela autora dizem respeito sobre as questões que foram essenciais para a escolha da localidade da pesquisa, e, também menciona que se deve “observar os fluxos migratórios (ponto de partida e chegada), a localização, o tempo e o tipo de colonização implantada”.

Observações úteis quando se pretende realizar um estudo de contato linguísticos em áreas de ocupação recente. Dessa forma, os 05 municípios selecionados, como já mencionado, são frutos de colonização particular, e se configuram nesse processo migratório os quais podem ser visualizados no mapa a seguir.

---

<sup>11</sup> De acordo com o censo do IBGE de 2010 a população de Colíder é de 30.766 hab., Nova Canaã do Norte 12.127 pessoas, Itaúba 4.575 pessoas, Nova Santa Helena 3.468 e Terra Nova do Norte 11.291 pessoas. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em: 13 de jun. 2020.

**Figura 2-**Municípios de Mato Grosso- pontos da investigação

**Fonte:** Elaborado a partir da base cartográfica do IBGE com adaptação para o estudo

Atualmente, a organização do espaço na região norte do estado de Mato Grosso, é resultado da migração nos últimos 40 anos. E as transformações que ocorreram/ocorrem nessas áreas, decorrem da articulação com as interações sociais, as quais proporcionam experiências contatuais, tanto entre culturas quanto entre línguas e suas variedades, que se (re)definem continuamente contribuindo para a formação de novas configurações. Assim sendo, e diante do reconhecimento desses aspectos do processo de ocupação e dos grupos que migraram para esse espaço, passou-se à escolha dos informantes.

### 3.1 A seleção dos informantes

A escolha dos informantes incidiu sobre a história similar de colonização e ao fato de apopulação ser predominantemente do Sul e do Sudeste. De acordo com os registros históricos de Souza (2006), Siqueira (2002), Moreno (2005), Colíder, Nova Canaã do Norte, Santa Helena e Itaúba foram colonizadas por pioneiros, em sua maioria, do Sul e do Sudeste. A respeitada cidade de Terra Nova do Norte predominam pioneiros gaúchos. Esse fato foi relevante na escolha dos informantes, portanto delimitou-se para a Tese identificar os contatos intervarietais do *português gaúcho* e do *português caipira* nos 05 municípios.

Por adotar uma perspectiva plural e relacional para esta pesquisa, seis (06) dimensões foram consideradas no que tange ao perfil do informante. Sendo assim, foram selecionadas a diageracional, a diatópica cinética (topodinâmico/topostático), a dialingual/contatual, a diassexual, a diastrática e a diarreferencial. Embora o olhar estudioso se estenda para diversas dimensões da relação transversal, ressalta-se que o foco principal é a dimensão contatual, a geracional e diarreferencial, uma vez que visa identificar os aspectos de manutenção e de inovação das variedades linguísticas.

Com o parâmetro dialingual considerou-se o contato linguístico mais evidente dos municípios investigados e mencionados no capítulo 2 desse trabalho, ou seja, os falantes da variedade do *português caipira* (com procedência do Norte ou Noroeste do Paraná, de migração direta para o Norte de Mato Grosso). E o migrante que fala o *português gaúcho*, ou seja, aqueles que falam o português gaúcho, mas não necessariamente nasceram no Rio Grande do Sul e sim no Oeste de Santa Catarina ou Sudoeste do Paraná, também de migração direta.

A dimensão diageracional constituiu-se de duas faixas etárias, uma mais velha (GII), acima de 50 anos, migrantes, vivendo há mais de 20 anos<sup>12</sup> nas localidades (topodinâmico). A segunda, mais jovem (GI), de 18 a 40 anos, filhos de migrantes, de ambas as procedências, nascidos e residentes nos locais investigados (topostático). No caso da GII, a exigência do tempo de permanência nos pontos de investigação corrobora com a hipótese de acomodação linguística apresentada por Thun (1996, p.212), seguida no Atlas Linguístico Diatópico do Uruguai (ADDU): “La acomodación linguística de los hábitos del nuevo ambiente necesita cierto tiempo para sedimentar-se y después de algunos años no avanza más, según parece”<sup>13</sup>.

Para a perspectiva diastrática aplicou-se o critério da escolaridade formal<sup>14</sup>, por conseguinte, foi selecionada o nível sociocultural baixo (a menor escolaridade), ficando para a geração mais velha (CbGII), analfabeto ou que tenha cursado até o Ensino

<sup>12</sup> Decidiu-se o tempo de 20 anos por considerar o migrante colonizador o informante ideal, ou seja, aquele que passou por mais tempo na convivência do contato intervarietal.

<sup>13</sup> “A acomodação linguística dos hábitos do novo ambiente necessita de certo tempo para sedimentar-se e depois de alguns anos não avança mais, segundo parece” (THUN, 1996, p.212). (Tradução nossa)

<sup>14</sup> El grupo sociocultural Bajo (abreviado como Clase baja = Cb) está integrado por aquellos cuyo grado de escolarización va desde cero hasta el segundo año de cualquier tipo de formación posterior ala primeira. Los informantes con más formación entran em el grupo sociocultural no bajo (abreviado como Clase alta = Ca).(THUN, 1996, p. 212).

O grupo sociocultural Baixo (abreviado como Classe baixa =Cb) está integrado por aqueles cujo grau de escolarização inicia em zero até o segundo ano de qualquer tipo de formação posterior à primeira. Os informantes com mais formação entram no grupo sociocultural não baixo (abreviado como Classe alta = Ca). (THUN, 1996, p. 212, [tradução nossa]).

Médio. E, para o grupo jovem (CbGI), a menor escolaridade deve ser até Superior Incompleto, uma vez que conforme o senso do IBGE de 2010<sup>15</sup> a taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade, nessas localidades, é acima de 97%, e, portanto, será raro encontrar colaboradores com escolaridade abaixo desse critério.

Ainda, considerando o ideal de que ambos os sexos estejam presentes no inquérito, dado que é possível contrastar o comportamento linguístico entre os dois, adotou-se o procedimento da pluralidade simultânea de informantes e a técnica em três tempos (*perguntar, sugerir, insistir*). Ficando organizados da seguinte maneira:

**Quadro 1-**Perfil dos informantes e a pluralidade simultânea nas entrevistas

CbGI	01 rapaz e 01 moça, escolaridade até Superior incompleto e idade entre 18 e 40 anos.	Português caipira
CbGII	01 homem e 01 mulher, escolaridade – analfabeto ou até o Ensino Médio e idade acima de 50 anos.	Português caipira
CbGI	01 rapaz e 01 moça, escolaridade até Superior incompleto e idade entre 18 e 40 anos.	Português gaúcho
CbGII	01 homem e 01 mulher, escolaridade analfabeto ou até o Ensino Médio e idade acima de 50 anos.	Português gaúcho

**Fonte:**Elaborado pela autora.

Conforme Altenhofen (2013), fazem parte dessa técnica em três tempos as etapas de *pergunta, insistência e sugestão*, as quais, segundo Figueiredo (2014), exceto no questionário fonético-fonológico, obedece ao seguinte esquema: Primeiro, pergunta-se, por exemplo: (como se chama a ave preta que come animal morto?) e se aguarda a resposta espontânea. Segundo, insiste se não conhece outra forma para nomear o mesmo referente e em terceiro sugere uma outra possibilidade de nomeação que não tenha sido mencionada até então, como por exemplo (já ouviu *corvo*?).

Quanto a pluralidade de informantes, explica a autora que há três maneiras de aplicar essa técnica: a) pluralidade simultânea, presença de vários informantes pertencentes ao mesmo grupo, a qual oportuniza a discussão entre eles, o diálogo com o pesquisador e comentários metalinguísticos; b) pluralidade sucessiva que consiste em aplicar partes do questionário com um mesmo perfil; c) a pluralidade de várias vias, em que o questionário é aplicado a todos os informantes separadamente.

Após determinadas as dimensões e parâmetros para a realização de uma pesquisa de cunho pluridimensional e relacional, pretende-se apresentar o questionário elaborado para a coleta das variedades linguísticas do português falado nessa região, bem como as

<sup>15</sup> IBGE- Censo de 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em:20 de mai. 2020.

etapas seguidas na elaboração desse instrumento, oferecendo assim, informações que poderão ser úteis a outros pesquisadores.

### 3.3 O Questionário

Na realização de estudos dialetológicos, geolinguísticos e sociolinguísticos é necessário utilizar um questionário para dar caráter científico à pesquisa, controle e uniformidade aos dados inventariados de vários entrevistados, a fim de tornar “menos complexa a obtenção do registro dos fenômenos linguísticos que se pretende estudar” (AGUILERA; FIGUEIREDO, 2002, p. 10).

Discorrem as autoras que estudos de cunho léxico são os que mais exigem a utilização de questionários estruturados pela necessidade de homogeneizar os resultados, que só se obtém mediante a aplicação dos instrumentos da coleta com formulações claras, pois esse instrumento tem servido não só para trabalho com aspectos fonológicos e lexicais, mas outros registros, como morfológico e sintático ou de outra natureza.

Altenhofen (2004), versando sobre o assunto, elenca alguns princípios básicos para a elaboração desse:

- a) que abarque a multiplicidade dos aspectos envolvidos no contato linguístico (o que implica, na prática, escolha de tipos de variáveis diferentes); b) que possua a amplitude possível e necessária para não sobrecarregar nem comprometer os levantamentos dos dados; c) que por isso englobe as questões mais relevantes, sobretudo aquelas com significado coletivo, sem, no entanto, comprometer a abrangência e representatividade do corpus; d) que incorpore a preocupação interdisciplinar, na interface com os estudos de áreas afins como a história, a antropologia, a sociologia, a teologia etc; e) que seja adequado metodologicamente, utilizando as técnicas apropriadas para a obtenção de dados; f) que permita em número significativo de comparações com os dados e os resultados de outros estudos. (ALTENHOFEN, 2004, p. 140).

Para a composição do questionário do Microatlas linguístico contatual não foi necessário começar do ponto zero, visto que há nos estudos de linhas pluridimensionais, modelos precedentes. A etapa inicial diz respeito às informações obtidas por meio de publicações sobre o assunto.

A propósito deste estudo, ressalta-se que foi muito importante conhecer as pesquisas de Barros (2014) que trata da presença sócio-histórica e geográfica do contato da(s) língua(s) de imigração alemã falada (s) por migrantes teuto-gaúchos em Porto dos Gaúchos-MT. A tese de Figueiredo (2014), a qual descreve a variação linguística de



migrantes gaúchos e de seus descendentes em contato com outras variedades regionais da língua portuguesa nos municípios de Porto dos Gaúchos, Sinop e Sorriso. A pesquisa de Philippsen (2013), que investigou as influências étnicas e regionais que constituem o léxico do português falado nas cidades de Santa Carmem, Sinop e Cláudia e o *Atlas Linguísticos da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso* (CUBA, 2015).

Outros estudos que contribuem para o contexto linguístico que se pretende investigar e para a elaboração do questionário são os *Atlas Linguístico Etnográfico da Região Sul*<sup>16</sup>, *Atlas linguístico do Paraná*, *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB), *Atlas Linguístico de Minas Gerais*, *Atlas Linguístico-etnográfico da Região Oeste do Paraná*, *Atlas Linguístico Topodinâmico do Território Incaracterístico*, *Atlas Linguístico do Paraná II* e os estudos do *O Português falado no Rio Grande do Sul*, dentre outros que servirão de base comparativa para compreender aspectos de variação linguística, de manutenção e de inovação do português falado nessas localidades.

Considerando os aspectos para elaboração de perguntas e os estudos apresentados, o questionário para esta tese foi elaborado da seguinte forma<sup>17</sup>. A primeira parte abrange, dados do informante questões de ordem sociológica, como origem, descendência, permanência no local, percurso migratório, contatos com familiares entre outros. Sobre a toponímia será questionado onome(s) do lugar, breve histórico e as territorialidades identificadas pelos informantes sobre os grupos étnicos do local.

As questões sobre os hábitos culturais foram elaboradas com vista à dimensão diarreferencial para comparabilidade com os dados linguísticos. Assim indagações sobre hábitos alimentares, vestimentas, festas, costumes familiares e lendas foram temas utilizados.

Por fim, a terceira parte trata da descrição da variedade do português falado pelos grupos selecionados. Para interrogações de ordem fonética-fonológica, utilizou-se questionamentos que retratariam as vibrantes e sub-variáveis; palatalização das dentais; distribuição da lateral e a palatalização da sibilante, conforme exemplos no quadro abaixo.

<sup>16</sup> Na sequência: Altenhofen; Koch (ALERS, 2011). Aguilera (ALPR, 1994). Cardoso (2014). Zagari; Ribeiro (EALMG, 1977). Busse (ALERO, 2009). Cuba (2015). Altino (ALPR II, 2007). Bisol; Battisti (2014).

<sup>17</sup> Ressalta-se que a elaboração de um questionário envolve a elaboração das questões, a testagem e a reelaboração das perguntas como forma de readequação aos propósitos da pesquisa. (AGUILERA; FIGUEIREDO, 2002). Para efeito desse estudo, o processo de construção do questionário ainda está no percurso de elaboração das questões e testagem.

**Quadro 2**-Variável fonética-fonológica selecionada para a pesquisa

Realização da vibrante em posição inicial (início de sílaba)	<b>R</b> ATO (ALiB QFF 48) 2-... o bichinho que o gato caça?
Realização da vibrante em posição intervocálica.	<b>C</b> ARRO (ALERS-QFF 45, carta 46) 8- O que se guarda na garagem?
Realização da vibrante antes de consoante sonora.	<b>C</b> ORTA – (ALERS- QFF- 38, carta 50) 13-O garfo espeta; e a faca o que faz?
Realização da oclusiva alveolar surda [t] diante de [e]	<b>P</b> ONTE (ALPR QFF 6, carta 103) 18-Para atravessar um rio a gente passa por cima do quê?
Realização da lateral [l] seguindo consoante na mesma sílaba	<b>PL</b> ACA – (ALiB QFF – 70) 22- O que é que se põe nas estradas para indicar as direções, avisar de desvios?

**Fonte:** Elaborado pela autora

Para as perguntas que visam o registro das variantes lexicais, selecionou-se perguntas coincidentes com os de outros Atlas já publicados como: ALERS, ALiB, ALPR, ALPRII, as quais foram aquelas em que as variantes identificadas se apresentavam na cartografia como uso recorrente no português gaúcho em contraponto àquelas que apresenta maior frequência no português caipira, como, por exemplo, a carta 303 do ALERS que exhibe como resposta para a questão 504- *...o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha que os meninos usam para matar passarinho?* a forma *bodoque*, no Rio Grande do Sul, e, a forma *estilingue* no Norte do Paraná.

Outras indagações do inquérito foram elaboradas com o auxílio do orientador. Vale ressaltar que ao organizar as questões essas devem privilegiar tanto o plano semasiológico (indagar pelas acepções), como o onomasiológico (indagar pelo nome)<sup>18</sup>.

**Quadro 3**-Exemplo do Questionário Semântico-lexical

1º. Perguntar	<b>B</b> ANHADO (ALERS, QSL 10, carta 06) 1... um lugar que sempre está ensopado de água e coberto de junco e outras plantas?
2º. Insistir	Pedir para descrever, no intuito de compreender a diferença. / Se conhece outros nomes e em que circunstância os utiliza.
3º. Sugerir	( ) banhado ( ) banhado ( ) brejo ( ) lagoa

**Fonte:** Elaborado pela autora

Após a estruturação do questionário linguístico, é importante testá-lo. No caso desse trabalho, durante o teste, percebeu-se a necessidade de alguns retoques, como

<sup>18</sup> “Onomasiologia no sentido de detectar quais realidades linguísticas são relevantes para essa comunidade e como é que a mesma os nomeia”. (ALTENHOFEN, 2011, p. 30).

inclusão de perguntas, exclusão de outras. Essa verificação leva ao aprimoramento, pois possibilita fazer pequenos ajustes, os quais permitem a ampliação de questões ou exclusão de outras. (AGUILERA; FIGUEIREDO, 2002).

A partir da descrição do comportamento linguístico dos migrantes e dos jovens nascidos nas localidades passa-se à identificação dos condicionadores responsáveis pela manutenção, variação ou mudança do português falado por esses grupos em contato.

## Conclusão

A elaboração de critérios que compõem uma pesquisa sobre os contatos linguísticos, como se procurou demonstrar, consistiu em uma tarefa exaustiva e cuidadosa de formulações e reformulações, processo esse “delicado, insistente e permanente de lapidação que constitui a única via para se atingir o grau de precisão indispensável ao trabalho científico”. (AGUILERA; FIGUEIREDO, 2002, p. 29).

Ficou evidente que para um estudo sobre a língua(s) em contato é necessário o aprofundamento teórico e, sobretudo, o metodológico para a organização e o domínio das atividades em estudo. É relevante também que, ao elaborar uma proposta de investigação *topodinâmica* (mobilidade dos informantes) como se apresenta neste estudo, verificar se ela é exequível e se o instrumento da coleta dará conta de responder aos objetivos propostos.

Ainda, não deixa de ser significativo lembrar que os dados coletados “sejam comparáveis aos de outras pesquisas, sobretudo de atlas linguísticos” (ALTENHOFEN, 2004, p. 154). Assim sendo, espera-se que o estudo exposto possa contribuir com outros pesquisadores que visam registrar a língua portuguesa falada em situação de contato.

## Referências

AGUILERA, V. de A. FIGUEIREDO, M. B. T. A composição de um questionário sobre o léxico do gado. *SIGNUM: Estudos de Linguagem*. V. 5, N. 1, p.9-47, dez. 2002. Disponível em: <http://www.uel.br/seer/index.php/signum/article/view/3536>>. Acesso em: maio 2020.

AGUILERA, V. de A; BUSSE, S. Contato Linguístico e Bilinguismo: algumas reflexões para o estudo do fenômeno da variação linguística. *Línguas e Letras*. V. 9, N.16, p. 11-25, 2008. Disponível em: [http://e-  
revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/issue/archive](http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/issue/archive)> Acesso em: jun. 2020.

ALTENHOFEN, C. V. A constituição do corpus para um Atlas Linguístico Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata. In: *Martius-Stadens-Jahrbuch*. São Paulo, n.51, 2004.

ALTENHOFEN, C, V. Migrações e contatos linguísticos na perspectiva da Geolinguística pluridimensional e contatual. *Revista de Letras Note@mentos*. Vol.6, N.12, p.31-52, jul. –dez.2013. Disponível em: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/norteamentos/issue/view/73>>. Acesso em: jun. 2020.

AMARAL, A. *O dialecto caipira*. São Paulo, O livro, 1920. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/>. Acesso em: 30. jul. de 2020.

ARAGÃO, M. do S. S. de. O Atlas linguístico do Brasil no quadro da geolinguística brasileira. In: CARDOSO, S. A. M. da S. et al. *Atlas Linguístico do Brasil*. V. 1: Londrina: Eduel, 2014.

BARROS, F. H. T. de. *Migração e territorialização do alemão e do português como línguas de (i)migração em porto dos gaúchos - mt:configurações do multilinguismo em fronteira da amazônia*. Porto Alegre: UFRGS, 2014. Dissertação. 167 f. Disponível em: [http://sinop.unemat.br/projetos/divalimt/teses/fernando\\_helio\\_d.pdf](http://sinop.unemat.br/projetos/divalimt/teses/fernando_helio_d.pdf)> Acesso em: 07 de jul. 2019.

BORELLA, S.G. “*Tu dampém fala assim?*”: *Macroanálises pluridimensionais da variação de sonorização e dessonorização das oclusivas do português de falantes bilíngues hunsriqueano-português*. Porto Alegre, 2014. Tese. 204f. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/ppgletras/tesesedissertacoes.html>>. Acesso em: 03 mai.2020.

BUSSE, S. Atlas Linguístico-etnográfico da Região Oeste do Paraná/ALERO: uma descrição preliminar do movimento diatópico e diastrático da fala. *SIGNUM: Est. Ling.* V.12, N.1, jul. 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/issue/view/347>> Acesso em: 13 jun. 2020.

CARDOSO, S. A. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo. Parábola Editorial. 2010.

CARDOSO, S. A. *Atlas Linguístico do Brasil: volume 1*. Londrina. Eduel, 2014.

CASTILHO, A. T. de. Para a história do português de São Paulo. *Revista Portuguesa de Filologia*. Vol. XXIII. p. 29-70. 1999-2000.

COSTA, D. de S. S.; ISQUERDO, A. N. Espanholismo no léxico do Brasil Central: contribuições do projeto ALiB. *ALFA Revista de Linguística*. V.50, N.2., p. 133-145. Abr.-jul, 2013. Disponível em: [\[https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1408/1109\]](https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1408/1109) Acesso em: 12 jun. 2020.

CUBA, M. A. *Atlas linguístico topodinâmico do território incaracterístico*. 2015. 2v. Tese (Estudos da Linguagem). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000201252>>  
Acesso em 18 de maio de 2020.

FARACO, C. A. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. 1ª. Ed. São Paulo. Parábola Editorial. 2005.

FIGUEIREDO, C. R. de S. Metodologia de Estudos do Contato Linguístico Intervarietal em Lugares de Migração Recente: alguns apontamentos. *Revista de LetrasNorte@mentos*. v.6, n.12, p.31-52, jul.- dez 2013. Disponível em: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/norteamentos/issue/view/73>>. Acesso em mai. 2020.

FIGUEIREDO, C. R. de S. *Topodinâmica da variação do Português gaúcho em áreas de contato intervarietal no Mato Grosso*. Porto Alegre, 2014. Tese. 299 f. Disponível em: <[http://sinop.unemat.br/projetos/divalimt/teses/carla\\_regina\\_souza.pdf](http://sinop.unemat.br/projetos/divalimt/teses/carla_regina_souza.pdf)> acesso em 20 de maio. 2020.

IBGE- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo demográfico de 2010*. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em:20 de mai. 2020.

MONARETTO, V. Realizações de R. In: BISOL, L.; BATTISTI, E. (Orgs). *O português falado no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

MORENO, G. A Colonização no século XX. In: MORENO, G. e HIGA, T. C.S. (Org.), *Geografia de Mato Grosso: Território, Sociedade, Ambiente*. 1ª Ed. Cuiabá: Entrelinhas, 2005.

PHILIPPSSEN, N. I. *A constituição do léxico norte mato-grossense na perspectiva geolinguística: Abordagens Sócio-Semântico-Lexicais*. São Paulo, 2013. Tese. 1048 f. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-13092013-125309/en.php>>Acesso em: mar.2016.

RODRIGUES, A. N. *O dialeto caipira na região de Piracicaba*. 1ª Ed. São Paulo: Ática, 1974.

SIQUEIRA, E. M. *História de Mato Grosso: Da ancestralidade aos dias atuais*. 1ªEd.Cuiabá: Entrelinhas, 2002.

SOUZA, E. A. de. *Sinop: História, Imagens e Relatos - Um estudo sobre a sua Colonização*. 2 Ed. Cuiabá: EdUFMT/FAPEMAT, 2006.

THUN, H. Movilidad demográfica y dimensión topodinâmica. Los montevidea nos em Rivera. In: RADTKE, E. THUN, H. (Org.). *Neue Wege der romanischenGeolinguistik: Akten des Symposiums zurempirischenDialektologie*. Kiel: Westensee-Verl, 1996. p. 210-276.

THUN, H. A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata. In: ZILLES, A. M. S. (Org.). *Estudos de Variação Linguística no Brasil e no Cone Sul*. Porto Alegre. Editora da UFRGS, 2005. p. 63-92.

THUN, H. A geolinguística pluridimensional, a história social e a história das línguas. In: AGUILERA, V. de A. (Org.). *Para a história do português brasileiro, volume VII: vozes, veredas, voragens*. Londrina. EDUEL, 2009.

THUN, H. A. O velho e o novo na Geolinguística. *Cadernos de Tradução*. Tradução Cláudia F. Pavan; Gabriel Schmitt; Eduardo G. Nunes; Viktorya P.Z. dos Santos. N. 40. Porto Alegre, 2017. p. 59-77. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/cadernosdetraducao/issue/view/3444>> Acesso em: agosto. 2020.